



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

VIVÊNCIAS EM ESCOLAS MUNICIPAIS DE PICOS-PI: E OS HOMENS, COMO DESENVOLVEM A PRÁTICA DOCENTE NOS ESTÁGIOS?

Antonia Regina dos Santos Abreu Alves, Cristiana Barra Teixeira, Maria Dolores dos Santos Vieira

*Universidade Federal do Piauí reginaabreu22@hotmail.com, Universidade Federal do Piauí
cristiana_barra@yahoo.com.br, Universidade Federal do Piauí doloresvieiraeduc@hotmail.com*

RESUMO

A experiência docente no Estágio Supervisionado coloca o/a estudante, então aluno/a estagiário/a, em contato direto com a escola; sendo assim, permite que o/a mesmo/a tenha uma visão mais ampla dos processos que contemplam a profissão docente de pedagogo/a. Este estudo realizado a partir dos relatos de nossa experiência docente na disciplina Estágio Supervisionado III, no segundo semestre de 2014 na Universidade Federal do Piauí, no Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, em Picos-PI, no Curso de Pedagogia, no Bloco VIII nos remete a uma discussão sobre os estudos de gênero no meio acadêmico. Sobre esta perspectiva, objetivamos abordar a importância do Estágio Supervisionado no processo de formação do profissional docente suscitando reflexões sobre nossas vivências docentes e contribuintes nesta formação trazendo à tona uma realidade que passa despercebida quando se trata das práticas pedagógicas na educação básica como um todo, que é a questão do gênero. Ao longo da escritura discutimos a construção das relações de gênero no Estágio Supervisionado. A turma analisada nesta proposta é constituída por trinta mulheres estagiárias e quatro homens estagiários. Trazemos como destaque o fato dos jovens estagiários desenvolverem uma boa proposta no estágio, denotando que os homens começam lentamente a ocupar os espaços atribuídos socialmente como femininos. Isso é importante tanto no que se refere à profissão de docente ou à experiência de estágio no Ensino Fundamental, pois a escola tem o dever de garantir a igualdade de gênero e para isso é necessário que seja garantida também a abertura das escolas de ensino fundamental para os professores e estagiários homens.

Palavras-chave: Estágio supervisionado, Gênero, Escola.

INTRODUÇÃO

Os debates sobre formação docente apontam aspectos importantes referentes às necessidades formativas dos professores, tomando como referência a cotidianidade da escola e, mais precisamente, da sala de aula. O Estágio Supervisionado na Escola faz parte da grade curricular do Curso de Licenciatura em Pedagogia. Essa disciplina, para além do cumprimento de uma determinação legal de carga horária de prática de ensino (BRASIL, 2002), apresenta-se como um



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

dos tempos e espaços em que os/as estudantes podem, através da participação ativa no campo profissional, confrontar e perceber a teoria na prática. O momento do estágio é de grande importância para a formação do/a futuro/a profissional docente, pois é durante essa fase que se criam laços mais estreitos com a profissão pretendida, por exemplo, proporcionando um melhor entendimento da profissão.

O estágio supervisionado, no âmbito das políticas de formação docente, caracteriza-se como componente formativo obrigatório que propicia ao futuro professor uma aproximação com a realidade das práticas de ensinar, objetivando o desenvolvimento de análises sobre a especificidade do trabalho docente, sobre o ser professor e sobre as condições sociais de exercício da profissão docente. A partir desse entendimento, realçamos que as experiências vivenciadas no estágio supervisionado devem potencializar o exercício da reflexão crítica acerca do ensinar/aprender. (BRITO, p. 2, 2011).

A experiência docente no Estágio Supervisionado coloca o/a estudante, então aluno/a estagiário/a, em contato direto com a escola; sendo assim, permite que o/a mesmo/a tenha uma visão mais ampla dos processos que fazem parte do cotidiano de quem está em exercício da profissão docente pedagogo/a. Sobre esta perspectiva, Pimenta e Lima (2004) consideram o estágio curricular como objeto de favorecimento e percepção crítica dos/as futuros/as professores/as bem como, um momento de desenvolvimento de suas aptidões para o campo do ensino. A partir da experiência com o estágio, o/a estudante de Pedagogia vivencia situações que se tornarão determinantes para a compreensão do compromisso social que a profissão escolhida demanda.

O estágio supervisionado aproxima escola e estagiário, exigindo o exercício da reflexão, pois o encontro com as situações de ensino é marcado por dúvidas, ansiedades e por tensões, o que indica a importância do apoio da escola e dos professores experientes nas aprendizagens e constituição da professoralidade dos futuros professores. “Realçamos, então, que as ações dos professores experientes devem perspectivar a colaboração através do apoio e da orientação nas diferentes experiências vivenciadas no estágio supervisionado”. (BRITO, 2011, p. 2).

Dessa maneira, o presente estudo aborda a importância do Estágio Supervisionado no processo de formação do profissional docente suscitando reflexões sobre nossas vivências docentes e contribuintes nesta formação trazendo à tona uma realidade que passa despercebida quando se trata das práticas pedagógicas na educação básica como um todo, que é a questão do gênero.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Sendo assim, notamos que os estudos sobre gênero no meio acadêmico ainda são bastante escassos num vazão quase latente no mundo de estrutura social estabelecida e permeada de preconceitos. Esta escritura objetiva discutir a construção das relações de gênero no Estágio Supervisionado na escola, a partir das vivências de quatro alunos estagiários do Bloco VII do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí no Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, em Picos – PI. A pesquisa aconteceu no período de setembro a dezembro de 2014.

Percebemos que o comportamento dos rapazes no desenvolvimento das atividades didáticas propostas no cronograma de operacionalização da disciplina merecia uma atenção cuidadosa, especialmente no que tange ao perfil do grupo. Estamos falando de uma turma constituída por 30(trinta) moças, a maioria professoras em exercício, e 4 (quatro) rapazes, nenhum deles com experiência docente.

Propusemos uma atividade de reflexão sobre as expectativas individuais desses/as jovens em relação à experiência na regência em salas de aulas nas séries iniciais do Ensino fundamental. As jovens demonstram expectativas positivas, inclusive registrando que já esperavam com certa ansiedade por esta etapa do curso de graduação. Os jovens registraram que já estavam contando com esse momento, embora isso lhes causasse ansiedade e preocupação, especialmente porque eram inexperientes no exercício docente.

Passado esse momento de reflexão, despertamos nosso interesse de observar criteriosamente o desempenho das atividades docentes na fase de regência de cada um dos alunos estagiários do grupo. Nossa inquietação residia nas expectativas criadas por homens ao longo da formação acadêmica em Pedagogia, sobre a experiência docente durante o Estágio supervisionado na Escola.

Enalçando nossa curiosidade, registramos como problema desta pesquisa a seguinte questão: como se efetiva a construção das relações de gênero no Estágio Supervisionado na escola, a partir das vivências de quatro alunos estagiários do Bloco VIII do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí, no Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, em Picos – PI? Realizamos um estudo qualitativo, descritivo a partir do registro de informações coletadas nas observações diretas que fizemos durante a regência dos referidos sujeitos. Definimos como acepção teórica estudos de autores como: Pimenta e Lima (2004), Louro (1997), Bento (2008), dentre outros.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO FUNDAMENTAL

Entendemos que o estágio constitui-se um componente curricular ao mesmo tempo em que oportuniza aprendizagem profissional a partir da aproximação dos/as estagiários/as com os espaços de atuação, numa relação de intensa construção de conhecimentos, na prática, de reflexões sobre essa mesma prática. Segundo Imbernón (2009), a formação inicial de professores se caracteriza como sendo o processo de construção da significação da profissão docente, pois representa o princípio da socialização profissional, atribuindo o conhecimento básico ao futuro/a professor/a.

O estágio supervisionado vai muito além de um simples cumprimento de exigências acadêmicas. Ele é uma oportunidade de crescimento pessoal e profissional. Além de ser um importante instrumento de integração entre universidade, escola e comunidade (FILHO, 2010). Sem nenhum estranhamento constatamos que em nenhuma escola campo do Estágio, dentre aquelas designadas para nossos/as alunos/as estagiários/as, registrava-se a presença de professores homens pedagogos, titulares das salas de ensino fundamental. Em outras palavras, afirmamos que os estagiários tiveram que vivenciar esse momento sob a supervisão de professoras mulheres.

Em congruência com as discussões em sala de aula, constatamos que a docência nas séries iniciais do Ensino fundamental ainda é um território predominantemente povoado por mulheres e que essa constatação se encontraria com as expectativas dos nossos alunos em terem supervisoras de campo professoras, o que, segundo depoimentos dos mesmos, seria relevante à própria prática docente ser supervisionado por um homem ou por uma mulher.

Refletimos sobre a importância do/a professor/supervisor de campo no estágio (professor/a titular da sala) com os alunos estagiários e, dentre suas colocações, destacamos a ênfase dada à questão da relação de gênero. Confirmaram que a experiência com professoras foi sempre predominante ao longo da vida escolar e que a ausência da figura masculina na docência nas séries iniciais distanciava-os de uma referência.

Cuidamos dessas informações a ponto de não classifica-las qualitativamente. Porém, tomamos nota de seu registro nessa discussão para elucidar que a formação docente é influenciada pelas experiências que tivemos ao longo de nossa vida escolar, acreditamos que somos constituídas



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

pelos/as professores que tivemos e nesse sentido, percebemos que nossos rapazes estagiários quiseram dizer que não tiveram professores, logo, são constituídos apenas pela marca deixada por professoras. Seguindo nossa intensão investigativa, nos propusemos a observar o comportamento dos estagiários em contexto escolar, na experiência docente.

Nas escolas escolhidas para ser campo do estágio, não registramos a presença de professores nas séries iniciais, ou seja, de fato, apenas mulheres foram contempladas para recebê-los. Os alunos, que anteriormente haviam demonstrado anseio em ser supervisionados por homens, não demonstraram desagrado diante da constatação de que seriam orientados por professoras, afinal, já está naturalizado entre eles que há predominância de professoras no ensino Fundamental. Por outro lado, as professoras foram cuidadosas em receber esses estagiários e abrir as portas de suas práticas docentes aos mesmos.

Contudo, observamos que a questão do gênero foi cuidadosamente abordada durante os diálogos que estabelecemos com essas profissionais. Afirmaram que estaria à disposição para facilitar a relação dos estagiários com as crianças (deixando subentendido que eles teriam dificuldade em se relacionar com as mesmas). Essa foi uma observação marcante nas falas das professoras, considerando que cada aluno estagiou em uma escola específica, portanto foi o discurso de quatro profissionais expressando a mesma concepção.

Em nossos registros, encontramos informações pertinentes sobre os cuidados tomados pelas quatro professoras na intermediação das atividades didáticas dos alunos estagiários. Embora não possamos comparar a supervisão que teriam feito se tivessem estagiárias, pudemos perceber as professoras desprenderam preocupação específica com a interação pedagógica construída na experiência docente.

Sobre a presença de homens ou de mulheres no exercício da docência no contexto da escola de ensino fundamental registram-se algumas premissas como, por exemplo, aquela que diz que educar crianças pequenas é mais apropriado às mulheres. Por sua vez, precisamos concentrar olhares sensíveis ao posicionamento da escola enquanto instituição social educativa, especialmente no que tange às questões que tratam as relações do gênero.

A escola é um lugar social, formada por profissionais, onde temos que aprender a conviver e a respeitar as diferenças. No entanto, a escola, de uma forma geral, está falhando com essa função



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

social, pois desde quando começamos a estudar nos são inculcados valores de discriminação com o outro, e isso nos é repassada de forma silenciosa e despercebida no cotidiano escolar. Levamos em conta também a importância de se reconhecer o espaço escolar como produtor e reproduzidor dos entendimentos sobre as questões de gênero presentes na sociedade, Louro enfatiza que “é impossível pensar sobre a instituição sem que se lance mão das reflexões sobre as construções sociais e culturais de masculino e feminino” (Louro, 1997, p. 89).

Na vida escolar meninos e meninas são condicionados a desempenharem tarefas que reforçam o padrão de sociedade pré-determinado, onde os meninos executam tarefas específicas de “homens”, e as meninas tarefas específicas de “mulheres”, como brincar de casinha. Cabe à educação romper com esse padrão pré-determinado, de modo que essas diferenças possam ser superadas e respeitadas, e não reforçadas, naturalizadas e perpetuadas. Segundo Bento (2008, p. 28) “Quando uma criança nasce encontrará uma complexa rede de desejos e expectativas para seu futuro, levando-se em consideração para projetá-la o fato de ser um/a menino/menina”.

É importante pensar então na formação de professores/as para lidar com todas essas adversidades que a sociedade demanda. Logo, vemos no Estágio Supervisionado um espaço oportuno para suscitarmos algumas reflexões sobre as relações de gênero com a intencionalidade de contribuir com a formação profissional na e para a diversidade, direitos humanos, na simétrica relação entre homens e mulheres.

Sendo o primeiro contato com o espaço de atuação profissional, o Estágio é desenvolvido em etapas de observação, participação e regência, quando o/a licenciando/a poderá construir futuras ações pedagógicas (PASSERINI, 2007). Durante o estágio, o/a futuro/a professor/a passa a enxergar a educação com outro olhar, procurando entender a realidade da escola e o comportamento dos/as alunos/as, dos/as professores/as e dos/as profissionais que a compõem (JANUÁRIO, 2008).

A realidade da escola e comportamento das pessoas que nela convivem tem importância primordial para a observação das relações de gênero. Observando as relações de gênero que ocorrem no espaço escolar, como essas são centrais na construção das identidades das crianças, e também como o/a pedagogo/a tem papel fundamental na construção das significações do que é ser homem e ser mulher, a reflexão sobre a presença masculina de estagiários nas turmas de Ensino Fundamental.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A escassez e, muitas vezes, a ausência masculina geram discussões diversas acerca dos motivos que impelem número reduzido de homens a escolherem o Curso de Pedagogia, assim como, despontam argumentações e debates que buscam entender como essa formação profissional foi se tornando um lugar incômodo e pouco atraente para eles.

METODOLOGIA

Relatamos aqui, nossa experiência docente no acompanhamento da disciplina de Estágio Supervisionado III do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí, no Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, na cidade de Picos, no estado do Piauí, no segundo semestre de 2014, numa turma constituída por 30 (trinta) estagiárias e 4 (quatro) estagiários homens.

Com intuito de acompanhar a experiência docente do contingente masculino da referida turma, cuidamos em registrar observações de aspectos didático-pedagógicos primordiais para a construção da ação docente no contexto real da escola de Ensino fundamental da rede municipal de Picos – PI.

A postura docente dos jovens alunos de Pedagogia, tanto no que tange aos aspectos de fundamentação teórica quanto nos aspectos técnico-metodológicos das suas respectivas práticas docentes revelou que são professores conscientes e autores da própria formação. Na reflexão cotidiana sobre nossa prática docente, pontuamos a necessidade de extinguirmos concepções ultrapassadas sobre o ensino, a formação de professores e professoras, mas, sobretudo sobre a designação de mais saber, ou mais saber fazer de mulheres e/ou de homens.

Na fase dos estágios no contexto escolar, os acadêmicos de Pedagogia geralmente possuem mais dificuldades que as acadêmicas ao pleitear a oportunidade para experimentar a docência em escolas de Ensino Fundamental. Em nossas experiências com os alunos do curso de Pedagogia de Picos, eles alcançaram as propostas da disciplina brilhantemente: se revelaram exímios contadores de histórias, dramaturgos, animadores de grupos, didáticos, criativos, assíduos e pontuais.

Essas nossas constatações são metodologicamente apresentadas e baseadas na pesquisa descritiva, que, segundo Cervo et.al. (2007) observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A pesquisa descritiva desenvolve-se, principalmente nas ciências humanas e sociais, abordando aqueles dados e problemas que merecem ser estudados, mas cujo registro não consta em documentos. Os dados, por ocorrerem em seu habitat natural, precisam ser coletados e registrados ordenadamente para estudos propriamente ditos.

A coleta de dados deu-se por meio da observação junto aos discentes do Curso de Pedagogia, especialmente nas regências que aconteceram em 4 escolas municipais da cidade de Picos - PI. Na experiência, observamos e registramos informações pertinentes sobre as metodologias utilizadas e as interações pedagógicas com as crianças. Os rapazes foram identificados, nesta pesquisa, por ESTAGIÁRIO, acrescido de uma letra do alfabeto para distinção: ESTAGIÁRIO “A”, ESTAGIÁRIO “B”, ESTAGIÁRIO “C” e ESTAGIÁRIO “D”. Desse modo, preservamos a identidade dos mesmos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

As informações registradas foram tomadas para análises e reflexões originando este objeto de discussão. Detalhamos, a seguir, a experiência docente de cada um dos estágios participantes desta pesquisa.

O ESTAGIÁRIO “A” desenvolveu seu estágio em uma turma de 3º ano do ensino fundamental, com 30 (trinta) alunos. Uma sala de tamanho médio e com poucas condições favoráveis ao bom desempenho acadêmico. Registros de indisciplina, desmotivação e abandono eram marcas visíveis no contexto observado. O aluno conseguiu desenvolver propostas bastante pertinentes. Demonstrou maturidade em relação aos conhecimentos didáticos adquiridos ao longo de sua formação, realizou atividades de socialização e preocupou-se em construir uma relação afetiva positiva com as crianças. Foi elogiado pela professora supervisora de campo da escola (professora titular da sala).

No contexto de uma sala de aula extremamente pequena e quente, O ESTAGIÁRIO “B” desenvolveu seu estágio. Em uma turma de 2º ano do Ensino fundamental, enfrentou indisciplina, abandono, problemas graves de infraestrutura. Porém, demonstrou serenidade e cuidado na elaboração de suas atividades. Conquistou a experiente professora supervisora do estágio ganhando merecido reconhecimento pelo seu compromisso e desempenho, especialmente considerando as



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

precárias condições da realidade vivenciada. Nesse espaço físico promissor do insucesso, “B” conseguiu desenvolver atividades planejadas no seu estágio, imprimindo, dentro das condições reais e de suas possibilidades de atuação, sua identidade docente. Organizou sua rotina, preocupou-se com seu planejamento didático e dedicou-se em criar estratégias de motivação e envolvimento dos alunos nas atividades propostas.

O ESTAGIÁRIO “C” desenvolveu seu estágio em uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental no contexto de uma escola que funciona em um prédio residencial, adaptado para ser escola, em condições de extremo desconforto físico. “C” foi inovador no seu estágio realizando contação de histórias infantis, fazendo dramatizações e assumindo-se autor-personagens de contos inventados “na urgência” e na “emergência” de sua prática docente. Como resultado de sua ousadia, o estagiário conquistou a atenção das crianças fazendo desta sua moeda de troca, ou seja, com a colaboração da turma para desenvolver as atividades planejadas, “C” comprometeu-se em fazer uma linda contação de histórias ao final de cada aula. Uma relação afetiva tanto com as crianças quanto com sua ação docente foi fortalecida. Em seus registros pessoais, “C” declarou que essa experiência transformou sua formação e que a partir dessa vivência consegue atribuir novos sentidos à sua prática docente. Foi elogiado e enaltecido pela equipe pedagógica da escola campo de estágio, mas foi a manifestação de carinho demonstrada pelas crianças de sua turma que evidenciaram a sua identidade docente.

O ESTAGIÁRIO “D” desenvolveu seu estágio em uma turma de 1º ano, nas observações que fizemos no momento de sua regência, pudemos perceber seu bom desenvolvimento, manteve uma relação de afetividade e respeito com as crianças, conseguiu atingir seus objetivos propostos, teve um bom manejo. As condições físicas da escola não favoreciam a experiência do estagiário, mas isso não foi impedimento para promover boas metodologias em sua regência na sala de aula. Conseguiu propor atividades em que as crianças se envolviam, participavam, oportunizando os diálogos. A professora titular da turma elogiou bastante o seu desempenho, confidenciou que aprendeu muitas ideias interessantes com ele, e que gostaria que a sua permanência fosse por um tempo maior, pois as crianças também se envolveram com sua presença, conseguindo atingir pontos positivos de aprendizagem. E no relato do estagiário, ficou a evidente a sua satisfação em viver esta experiência.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A seguir apresentamos ideias conclusivas da referida discussão.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

A construção social da docência como uma profissão afeita às mulheres constitui-se de uma sensibilização da sociedade de que trabalhar com crianças pequenas exige algumas características, como afeto, cuidado, sensibilidade, qualidades essas, não muito atribuídas para caracterizar homens.

Nesse sentido, é necessário desnaturalizar a ideias preconceituosas e compreender as masculinidades como plurais, onde os homens também podem ser afetuosos, cuidadosos e sensíveis. A sociedade atual não pode mais reproduzir os padrões de comportamento afeitos ao século passado e continuar privando os homens a exercerem a profissão que desejarem independente de ser considerada masculina ou feminina.

Dessa maneira, os homens começam lentamente a ocupar os espaços atribuídos socialmente como femininos, contribuindo para o rompimento das fronteiras que delimitam as profissões próprias de mulheres e homens. Isso é importante tanto no que se refere à profissão de docente ou à experiência de estágio no Ensino Fundamental, pois a escola tem o dever de garantir a igualdade de gênero e para isso é necessário que seja garantida também a abertura das escolas para os professores e estagiários homens, de ensino fundamental.

Consideramos essa escritura uma importante reflexão sobre a experiência vivenciada no Estágio Supervisionado, uma vez que contribui, para as discussões sobre estágio, formação docente e relações de gênero.

REFERÊNCIAS

BENTO, B. A. M. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno. Resolução CNE/CP 02/2002. Institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior. Brasília: 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne>; acesso em: 15 jul. 2008.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

BRITO, Antonia Edna. (Re) discutindo a formação de professores na interface com estágio supervisionado. **Revista hiseroamericana de educação**. N.56/2. 15.09.2011.

CERVO, A.L. et.al. **Metodologia Científica**. São Paulo-SP: Pearson Prentice Hall, 2007.

FILHO, A. P. O Estágio Supervisionado e sua importância na formação docente. **Revista P@rtes**. 2010. Disponível em: <http://www.partes.com.br/educacao/estagiosupervisionado.asp>. Acesso em: 15 mar. 2015.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo: Cortez, 2009.

JANUARIO, Gilberto. Materiais Manipuláveis: uma experiência com alunos da Educação de Jovens e Adultos. In: **ENCONTRO ALAGOANO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, I**, Anais... I EALEM: Didática da Matemática: uma questão de paradigma. Arapiraca: SBEM – SBEM-AL, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

PASSERINI, Gislaine Alexandre. **O estágio supervisionado na formação inicial de professores de matemática na ótica de estudantes do curso de licenciatura em matemática da UEL**. 121f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina: UEL, 2007.

PIMENTA, S. G; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2004.